



FOTO MÍDIA NINJA: O USO DA ASSINATURA COLETIVA NA INTERNET

PHOTOGRAPHY MÍDIA NINJA: THE USE OF COLLECTIVE SIGNATURE ON THE INTERNET

Nathália Schneider¹
Jonária França da Silva²

RESUMO

O trabalho tem como objetivo refletir sobre a Mídia Ninja - grupo midiavivista ciberativista que busca construir uma contra narrativa da mídia hegemônica, principalmente realizando coberturas de manifestações dos movimentos sociais - inserida no contexto da cultura da internet. Através da pesquisa de campo inicial com a Mídia Ninja, na qual estou realizando uma observação participante, viso compreender o quanto a cultura hacker influencia o ativismo digital. No caso da Mídia Ninja, entender a relação entre a postura a favor da livre circulação de informação e conhecimento em oposição à propriedade intelectual com a assinatura coletiva utilizada por eles, assim como o uso da licença creative commons.

Palavras-chave: assinatura coletiva; ciberativismo; cultura hacker; mídia ninja;

ABSTRACT

The study aims to reflect on the Mídia Ninja - cyberactivist "mídiaivista" group that seeks to build a narrative against the mainstream media, especially performing roofing manifestations of social movements - into the context of the internet culture. Through the initial field research with the Mídia Ninja, in which I am conducting a participant observation, I aim to understand how the hacker culture influences the digital activism. In the case of Ninja Media, understand the relationship between the position in favor of the free movement of information and knowledge as opposed to

¹ Integrante do Grupo de Pesquisa "Comunicação, Consumo e Culturas Digitais", coordenado pela profa. Dra. Sandra Rúbia da Silva, registrado no CNPq. Graduanda em Comunicação Social na Universidade Federal de Santa Maria, com orientação da profa. Dra. Sandra Rúbia da Silva e da profa. MSc. Jonária França da Silva, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - POSCOM/UFSM. E-mail: nathi.sch@gmail.com.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria (RS). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Gestão de Pessoas pela Universidade Gama Filho (UGF). Jornalista pelo Centro Universitário Nilton Lins (Uniniltonlins) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Processos de Criação na Amazônia (UFAM); Comunicação e Política (UFSM) e Consumo e Culturas Digitais (UFSM). E-mail: jonariafranca@gmail.com.



intellectual property with the collective signature used by them, as well as the use of creative commons license.

Key-words: collective signature; cyberactivism; hacker culture; “mídia ninja”;

INTRODUÇÃO

As relações sociais em redes não são uma prática exclusiva da sociedade contemporânea, porém com o advento da Web 2.0³⁴ (O'REILLY, 2013) junto com as possibilidades de acesso e apropriação tecnológica, as formas de organizações e mobilizações dos indivíduos e grupos foram revolucionadas. A internet potencializou a sociedade em rede⁵ (CASTELLS, 1999) de uma forma nunca vista antes, emancipando e oferecendo autonomia da mediação dos grandes veículos de comunicação para os indivíduos, os quais estão extremamente conectados uns aos outros para além das fronteiras temporais e espaciais.

A Primavera Árabe - uma onda revolucionária de manifestações e protestos organizados principalmente *online*, que vem acontecendo no Oriente Médio e no Norte da África desde 2010 - é um marco histórico que comprovou a enorme capacidade de mobilização de grupos e movimentos sociais na internet, especificamente através das redes sociais. Fenômenos similares a este aconteceram no mundo inteiro, como o Occupy Wall Street, o qual com a bandeira “Unidos pela Mudança Global”, começou em Nova York nos Estados Unidos e cruzou oceanos, mobilizando 951 cidade de 82 países. Segundo Castells “os movimentos espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e de ideias”⁶, desafiando as fronteiras culturais.

³ Termo usado para definir a segunda geração da *World Wide Web*, que surge com o caráter ainda mais forte de compartilhamento de informação e colaboração, somados a proposta de fluxo dinâmico, entre os usuários e a plataforma.

⁴ O'REILLY, Tim. **O que é Web 2.0: padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software**. Disponível em: <<http://www.flaudizio.com.br/files/o-que-e-web-20.pdf>> Acesso em: 4 fevereiro 2015.

⁵ CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

⁶ CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.



A América Latina, dona de um projeto pós-neoliberal⁷ (MORAES, 2011), a qual com a combinação de governos progressistas⁸, somado a uma sociedade civil organizada potencializada na internet possibilitou o surgimento de inúmeros grupos e coletivos nos mais variados territórios. No Brasil, esta nova cartografia ainda em construção, ganhou como marco um grande número de manifestações da sociedade que aconteceram em junho de 2013 em diversas cidades do país.

As Jornadas de Junho, como ficaram conhecidas esse momento da história do Brasil é a referência da retomada da ocupação das ruas e dos espaços públicos pela população. Essa conquista foi uma vitória, não apenas dos movimentos sociais e dos coletivos culturais, os quais mobilizaram e assumiram a linha de frente, mas também de toda a sociedade civil. Dentre os inúmeros participantes ativos desse processo, os midialivristas conquistaram um lugar de protagonismo. Eles construíram, não apenas a divulgação e cobertura dos protestos, mas uma narrativa polifônica e com olhares diferentes sobre e, muitas vezes, de dentro do fenômeno. Este processo, que aconteceu com a força da internet e principalmente das redes sociais, foi essencial para que as manifestações ganhassem a adesão popular e, desta forma, ganharem a proporção que foram as Jornadas de Junho. Segundo Castells "a internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global"⁹, e percebendo esta lacuna oferecida pela internet, os movimentos sociais em rede junto com os grupos midialivristas mobilizaram, articularam e entraram em disputa com a mídia hegemônica. Entre os coletivos de comunicação independente, um dos que teve grande destaque na cobertura dos protestos, gerando repercussão internacional, foi a Mídia NINJA - Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação -, objeto de estudo proposto neste artigo.

A NINJA é uma mídia alternativa com plataforma digital que tem sua origem com

⁷ MORAES, Dênis de. **As vozes abertas da América Latina: estado, políticas públicas e democratização da comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2011.

⁸ A definição adotada para o conceito do termo progressista neste trabalho é "uma linha de pensamento que se comprometa a explicitamente com tudo quanto se possa mudar, transformar e humanizar na sociedade." (MORAES, 2011, p. 22)

⁹ CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.



integrantes da rede de coletivos Fora do Eixo¹⁰ e surgiu no início de 2013, no período do Fórum Mundial de Mídia Livre na Tunísia. O grupo, que procura trabalhar de forma descentralizada e colaborativa, foi um dos protagonistas dos protestos de junho de 2013 no Brasil, pois realizava transmissões ao vivo das manifestações, usando apenas o celular, uma conta no *Facebook* e outra no *Twitter*. Os jovens que integram o grupo são, em sua maioria, sem formação acadêmica em jornalismo ou qualquer outro curso da área da comunicação, também conhecidos por não elaborarem imparcialidade nas coberturas. Assumidos como ativistas dos direitos humanos e levantando a bandeira pela democratização da comunicação, alcançam uma ampla divulgação e mobilização das suas atividades, não apenas nas redes, mas também nas ruas.

Os integrantes da Ninja não usam crachá nem abadá¹¹, não possuem equipamentos poderosos e se confundem com os manifestantes, talvez por que também o sejam. Os fotógrafos passam despercebidos em meio aos colegas de atividade, levando no pescoço a máquina fotográfica e na bolsa lentes, cartões de memória e baterias extras. Os responsáveis pela transmissão ao vivo transportam na mochila um notebook conectado simultaneamente ao celular que seguram na mão com um pequeno adesivo escrito “NINJA”, enquanto realizam o *streaming*. Eles não possuem rosto ou líder, pois “#SomosTodosNinjas¹²”. Na internet, não é diferente, praticamente todo conteúdo produzido pela Ninja tem a licença de direito autoral *Creative Commons*, sendo uma contra partida ao *copyright* e uma assinatura coletiva: Foto Mídia Ninja.

Porque usar uma assinatura coletiva? O que esta assinatura indica sobre a postura do grupo? Quanto esta característica da Mídia Ninja está relacionada à cultura hacker¹³

¹⁰ O Fora do Eixo é uma rede de coletivos culturais que “é hoje uma expressão político-cultural brasileira de dimensão nacional e grande reputação. Reúne, em sua articulação, cerca de dois mil integrantes, que participam dos coletivos locais e da organização nacional. Sua conformação como rede de produção imaterial transcende inclusive o que costuma ser considerado cultura pelos poderes públicos e pelo mercado, centrados em geral nas artes reconhecidas e no patrimônio edificado.” (SAVAZONI, 2013, p. 51)

¹¹ Em resposta a violência policial com os manifestantes - inclusive com a imprensa - que chocou o país, o Governador do Estado de São Paulo Geraldo Alckmin ofereceu que os jornalistas usassem um colete que os identificasse no meio do protesto. A proposta foi amplamente ridicularizada pela própria grande mídia, a qual ficou conhecida como “abadá pra imprensa”.

¹² Durante as Jornadas de Junho, sob a acusação de incitar a violência, um integrante da Mídia NINJA que estava transmitindo ao vivo os protestos, foi preso. A ação da polícia gerou grande mobilização e apoio nas redes sociais, desencadeando a popularização desta *hashtag*.

¹³ CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.



(CASTELLS, 2003) e ao ciberativismo? O objetivo neste artigo é procurar refletir a cerca das perguntas sobre uso da assinatura coletiva e do uso de uma licença flexível na abordagem da propriedade intelectual pela Mídia Ninja. Justifico a escolha da fotografia pelo caráter imagético da internet, pois como afirma Castells “o poder da imagem é soberano”¹⁴ nesta.

Nunca foi por vinte centavos¹⁵. Eu forcei no meu peito uma bandeira pela democratização da comunicação nas Jornadas de Junho correndo para não perder um clique ao lado dos integrantes da Mídia Ninja, sem imaginar, que poucos anos depois estaria ao lado deles novamente, porém, realizando uma etnografia. A vivência como militante me proporcionou um olhar privilegiado para a metodologia escolhida para o meu trabalho, a pesquisa de campo com observação participante que venho desenvolvendo com o coletivo em questão. Concomitantemente, procuro encontrar um equilíbrio entre a empatia com a militância e a neutralidade do pesquisador, compreendendo que uma imparcialidade total é um mito e um objetivo que rejeito na minha pesquisa. O movimento de estranhar o familiar¹⁶ (VELHO, 2003) foi um processo de distanciamento, seguido de excessivas leituras sobre o fenômeno a ser estudado para planejar e negociar com o coletivo a reaproximação para o procedimento da pesquisa. Apresento esta reflexão, pois acredito que a intersubjetividade na etnografia entre o pesquisador e o grupo estudado é um fator precioso que não pode ser ignorado, pois segundo Foote-Whyte “assim como seus informantes, o pesquisador é um animal social”.¹⁷ Neste artigo apresento reflexões iniciais de uma pesquisa de campo com a Mídia Ninja em andamento.

1 OS FRUTOS DA CULTURA HACKER DA INTERNET

¹⁴ CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

¹⁵ Coletivos, como no caso do Movimento Passe Livre (MPL), protestavam contra o aumento do transporte público na cidade de São Paulo. Após a violenta repressão policial sofrida pelos manifestantes e amplamente divulgada na internet, a população revoltada saiu às ruas. “Não é por apenas 0,20 centavos” foi escrito em centenas de cartazes, tornando-se um dos lemas das Jornadas de Junho.

¹⁶ VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, G. KUSCHNIR, K. (Orgs.). *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

¹⁷ FOOTE-WHYTE, William. *Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.



A onipresença da Mídia Ninja - tanto no universo *online*, quanto no *offline* - nas Jornadas de Junho deu-se através de diversos elementos e hipóteses que estão sendo estudados para compreender não apenas o fenômeno do coletivo por si só, mas também da onda que parou o Brasil - assim como já aconteceu com outras nações - por mais participação política, por mais direitos e por bandeiras progressistas.

Segundo Castells “os movimentos são simultaneamente locais e globais”¹⁸, apesar de todas as possíveis diferenças culturais existentes entre eles, a vontade de transformação social calcada no poder da internet é compartilhada mundialmente por estes grupos. A Ninja tem diversas características e semelhanças com os grupos da Espanha, Estados Unidos, Egito ou Tunísia. Ambos rejeitam arranjos hierarquizados ou liderança formal, não são articulados com movimentos partidários ou setores financeiros, possuem formas de organização horizontais e colaborativas, defendem o debate coletivo com código aberto e têm a internet como principal base e ferramenta dos movimentos. Estes são os grupos insatisfeitos que ocuparam o principal bairro financeiro de Nova York em barracas, são também as mulheres que desafiaram o Estado Egípcio pelo fim da discriminação por parte do governo, assim como são os jovens militantes que registraram em transmissão ao vivo através celular, o despreparo de uma polícia diante a uma população que reivindicou a rua que é sua por direito.

A internet para vai muito além de um veículo usado para conectar a sociedade civil organizada, os seus preceitos ideológicos estão enraizados no ciberativismo. As comunidades virtuais com influência da contra cultura dos Estados Unidos modelou as formas e usos da internet, enquanto o movimento hacker circulou livremente os códigos fornecendo a base tecnológica. A liberdade é uma questão de regra.

Só a capacidade de criar tecnologia (a partir de qualquer contexto) e de compartilhá-la com a comunidade são valores respeitados. Para os hackers, a liberdade é um valor fundamental, particularmente, a liberdade de acesso à sua tecnologia e a de usá-la como bem entende. (CASTELLS, 2003, p. 53)¹⁹

Outros aspectos e culturas foram envolvidos no desenvolvimento da internet, porém

¹⁸ CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

¹⁹ CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.



estes dois fenômenos, principalmente a cultura hacker, são essenciais para que a sociedade civil organizada encontre nesta um amplo terreno fértil para plantar transformação social, influenciando constantemente outros grupos sociais.

1.1 O midialivrismo ciberativista

A Mídia Ninja é um grupo midialivrista, ou seja, eles lutam pela democratização da comunicação e pela redução do monopólio midiático - não apenas no âmbito da internet, mas também em nos demais veículos como televisão e rádio - e constroem uma narrativa paralela, que muitas vezes critica ou satiriza a mídia hegemônica. Segundo Moraes a democratização da comunicação "trata-se de liberar o que os discursos hegemônicos desejam silenciar ou neutralizar: a emergência de outras vozes e outras formas de perceber, traduzir e exprimir a variedade de mundos que o mundo contém".²⁰

Para compreender melhor o conceito do midialivrismo ciberativista, no qual é categorizada a Ninja e possui influência direta da internet e críticas à propriedade intelectual na sua essência, é preciso ressaltar a diferença do midialivrismo de massa e do ciberativista.

O midialivrismo de massa possui origem em países como o Brasil, no período de grande repressão e censura que foi a Ditadura Militar. Era uma política radical utilizada pelos movimentos sociais para informar a censura e violência daqueles anos através da radiodifusão comunitária ou pirata, zines e outros impressos alternativos e de alguns produtos audiovisuais experimentais. Desde sua origem, o midialivrismo possuía o caráter de prática alternativa e independente, assim como a postura de oposição em relação aos conglomerados empresariais e nacionais de comunicação, ou seja, a mídia hegemônica. Já o midialivrismo ciberativista tem sua gênese calcada na internet e na cultura hacker da mesma.

O midialivrismo de massa quer se liberar do poder concentrador da propriedade dos meios de comunicação; o ciberativista quer radicalizar os direitos fundamentais (ou mesmo subverter o sentido liberal destes), sobretudo a liberdade de expressão. Ambos reivindicam outra economia política dos meios, em que a propriedade dos meios deve ser comum, isto é, que a cooperação na produção social de conteúdos midiáticos seja

²⁰ MORAES, Dênis de. *As vozes abertas da América Latina: estado, políticas públicas e democratização da comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2011.



regida por uma estrutura decisória coletiva da sociedade civil e por um direito de autor que permita que os conteúdos circulem livremente pela sociedade, e não apenas se torne uma máquina arrecadadora de patentes. (MALINI, 2013, p. 23)²¹

Desta forma, a produção do midialivrismo é realizada através de aparatos tecnológicos e dispositivos digitais em um processo colaborativo e transversal em rede, com grande fluxo, troca e compartilhamento de conhecimento e experiências. Segundo Malini o "principal resultado é a produção de um mundo sem intermediários da cultura, baseada na produção livre e incessante do comum, sem quaisquer níveis de hierarquia"²², autônomo na produção e consumo. Na internet, uma fotografia pode viralizar, denunciar, satirizar, criticar, virar meme²³ ou fazer tudo isso ao mesmo tempo, perdendo provavelmente sua origem e autoria. Fator este que é essencial ser destacado, pois como pontua Malini os midialivristas ciberativistas procuram construir um conteúdo independente de patentes ou licenças autorais rígidas.

1.2 A licença *Creative Commons*

Uma música, por exemplo, geralmente possui uma licença autoral chamada *Copyright* que reserva todos os direitos de venda não necessariamente ao autor desta, pois negociações a cerca dos direitos autorais podem alterar quem tem o poder sobre a chancela. O que importa é que o produto tem um dono, o que impossibilita o usuário a compartilhar ou colocar na internet para dividir entre os amigos. Fazer *download* de uma música que possui licença *Copyright*, ou disponibilizar ela na *web* é crime. Deveria ser? Para os midialivristas ciberativista, não. O acesso ao conhecimento e informação é de direito da humanidade e este é um dos motivos pelo qual muitos ativistas optam pelo selo *Creative Commons* (CC) em contra partida ao *Copyright*. Antes de apresentar o *Creative Commons*, esclareço que não pretendo entrar em detalhes jurídicos acerca deste debate, pois é o campo ideológico defendido por estes grupos que me interessa para compreender

²¹ MALINI, Fábio. ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

²² MALINI, Fábio. ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

²³ Meme é a nomenclatura usada para definir um conceito que consegue se espalhar rapidamente na internet sem controle nenhum em relação à origem ou propriedade intelectual, torna-se amplamente consumido e apropriado.



o uso radical e uma assinatura coletiva que nega qualquer autoria individual, enaltecendo o coletivo.

Isso nos permite dizer que as redes são produtoras de inovação e dirigem seus esforços para a construção de uma sociedade de código-fonte aberto, uma vez que as trocas simbólicas que operam são todas feitas por meio de licenças flexíveis de propriedade intelectual, como GPL e Creative Commons. Para Hardt e Negri, a inovação justamente requer “recursos comuns, acesso aberto e livre interação”. Nesse sentido, ao construir espaços abertos de trocas, essas redes acabam por produzir condições para a inovação específicas e fazem disso uma vantagem comparativa. (SAVAZONI, 2013, p.60)²⁴

O que seria então o *Creative Commons*? Uma organização não governamental sem fins lucrativos que tem como objetivo disponibilizar outra proposta de uso e consumo da propriedade intelectual. A licença possui várias categorias disponíveis para o usuário, podendo escolher como e para qual função quer liberar o seu conteúdo. Por exemplo, um *videomaker* pode conceder gratuitamente o seu vídeo para *remix*, apenas se o usuário citar a autoria e disponibilizar o resultado gerado também na mesma licença que o original. Um fotógrafo também pode liberar seu material sem a necessidade de citar a autoria ou de reutilizar a mesma licença para qualquer uso, restringindo apenas para fins comerciais. O CC apresenta inúmeras possibilidades de arranjos, das mais restritivas até chegar ao *Copyleft*, que é amplamente usado pela Mídia Ninja, ou seja, todo material lançado é livre. Independente para quais fins será usado, de qualquer licença que seja colocada depois ou de nenhuma citação da autoria, as fotos, textos e vídeos da Mídia Ninja são públicas.

Os midialivristas ciberativistas utilizam da essência libertadora da internet e da inteligência coletiva²⁵ para construir redes livres de produção imaterial que circulam em um imenso fluxo, gerando uma diáspora hacker²⁶ (SAVAZONI, 2013).

²⁴ SVAZONI, Rodrigo. *A onda rosa-choque: reflexões sobre redes, cultura e política contemporânea*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

²⁵ LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

²⁶ SVAZONI, Rodrigo. *A onda rosa-choque: reflexões sobre redes, cultura e política contemporânea*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.



2 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS A TODOS

O conteúdo que a Ninja produziu nas Jornadas de Junho foi amplamente divulgado na internet e também virou manchete em jornais internacionais como *New York Times*, *Wall Street Journal* e *The Guardian*. Fotos que foram visualizadas por diferentes culturas e países, transmissões ao vivo através de um celular que foi acompanhado por milhares, textos traduzidos em inglês, espanhol e francês. Todos os direitos reservados a Mídia Ninja? Não, todos os direitos reservados a todos. O material produzido pela Ninja é da humanidade, para circular na internet, ser compartilhado, remixado e virar meme, pois conforme ideologias dos integrantes da Ninja, todo o conhecimento deveria ser público e de livre acesso.

2.1 O rascunho de uma etnografia

O processo da minha pesquisa com a Mídia Ninja ainda é inicial, pois a etnografia é uma metodologia que exige mais do que a inserção no campo estudado, sendo necessário um período razoável de permanência neste. É um método qualitativo e empírico, no qual o antropólogo convive com os nativos, após uma profunda revisão bibliográfica sobre tema, por um determinado e - de preferência - longo intervalo de tempo. Segundo Cardoso de Oliveira (2006) é "com o olhar devidamente sensibilizado pela teoria disponível"²⁷ que as informações mais interessantes para a pesquisa vão surgir.

Um recurso que utilizo é a etnografia multi situada²⁸ (MARCUS, 2001) compreendendo que os espaços físicos - sejam eles *online* quanto *offline* - pela Mídia Ninja não possuem fronteiras definidas, assim como este grupo também possui atuação em cidades e territórios com diferentes características. Faço reforço da minha vivência anterior com a militância do grupo, da qual consigo extrair facilitadores para a pesquisa, por exemplo, o conhecimento do vocabulário nativo.

A primeira inserção etnográfica com o coletivo aconteceu durante um acampamento no Rio de Janeiro em agosto de 2014, no período pós Copa do Mundo.

²⁷ CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15, São Paulo: Editora UNESP, 2006.

²⁸ MARCUS, George E. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. *Alteridades*, Iztapalapa, nº 22, jul./dez.2011.



Permaneci cinco dias dormindo e acordando no mesmo espaço que movimentos sociais e coletivos culturais de diferentes lugares da América Latina, entre eles a Ninja. Durante a minha estada eu utilizei de um diário de campo para anotar impressões obtidas através da técnica da observação participante, que consiste na participação efetiva nas atividades cotidianas do grupo para aprofundar o convívio e as práticas sociais desenvolvidas. Pela primeira vez, participava com a função de pesquisadora negociada com os nativos e não de militante.

Não pretendo aprofundar a metodologia em dados e categorias que vem estruturando a minha pesquisa, pois como já apresentei está ainda na etapa inicial. O campo sempre pode relevar fenômenos não identificados previamente, que frequentemente são essenciais à análise para compreensão do grupo estudado. Neste artigo, utilizo meus dados iniciais para refletir sobre a assinatura coletiva da Ninja, pois durante o acampamento, os participantes se organizavam em diferentes grupos de trabalho por interesse mútuo. Eu acompanhei a Mídia Ninja nas rodas de conversa e atividades envolvendo a prática da fotografia, sendo inevitavelmente a assinatura coletiva uma pauta constante entre os integrantes e os interessados.

2.2 A fotografia é obra do grupo

A cultura hacker norteia as ideologias de livre circulação e compartilhamento de conhecimento e informação na internet. A bandeira do código fonte aberta, não está relacionada apenas aos algoritmos e *softwares*, mas também ao modo de organização e tecnologias sociais aplicadas. O código da Ninja é aberto: o organograma está na internet; algumas reuniões são *online* e abertas a observadores; entrevistas são concedidas tranquilamente; a cartilha do grupo está disponível na *web*; todos estão convidados a participarem.

A organização da Ninja está extremamente relacionada ao modelo de vida radicalmente coletivo que os integrantes do grupo possuem. Camilo²⁹, um dos principais fotógrafos da Ninja com imagens de alta qualidade técnica, disse defendendo a assinatura coletiva - e reforçando que ninguém era obrigado a utilizar a mesma - que a fotografia não era uma obra individual dele, pois ele podia se dedicar integralmente a esta atividade,

²⁹ Utilizo nome fictício para preservar a identidade do integrante da Ninja.



enquanto outros participantes do grupo estão focados nas demais tarefas. O que ele queria dizer com isso? Durante o acampamento, observei que ele não exerceu nenhuma outra função além de registrar momentos e então compreendi que Camilo conseguia apenas realizar esta atividade, pois havia quem organizasse o local, fizesse o café da manhã, almoço ou janta, limpasse os banheiros, escrevesse os textos, garantisse a internet e demais tarefas. Desta forma, as fotografias que Camilo realizava ao longo do dia devido às possibilidades oferecidas pelos seus colegas de militância, no ponto de vista dele, não eram fruto do seu trabalho individual, mas do esforço coletivo desenvolvido por uma gama de pessoas envolvidas.

A frase que mais ouvi dos integrantes da Ninja, quando questionados sobre a autoria das fotografias, era resumida em uma única palavra: desapareça. Desaparecer do quê? Dos direitos autorais de uma obra ou de uma transformação social, na qual a propriedade intelectual não cabe no novo modelo de vida que eles estão buscando construir? Na leitura do diário de campo que produzi neste curto período da minha primeira inserção com a Mídia Ninja, consegui perceber que a questão da assinatura coletiva vai além de uma posição militante com raízes da cultura hacker. Usar “Foto Mídia Ninja” significa muito mais do que reafirmar a licença *Creative Commons*, é um detalhe de um ideal de vida e sociedade compartilhada que os integrantes sonham e vivem.

A valorização do trabalho e da ideologia coletiva no lugar do individual - não desconstruindo as particularidades de cada indivíduo, pelo contrário, reforçando uma igualdade de diferenças - é uma forte característica dessas novas formações sociais que estão acontecendo no planeta. Castells (2013) afirma que “nos bastidores desse processo de mudança social está a transformação cultural de nossas sociedades”³⁰, a qual com o poder da internet atravessa as fronteiras conectando, a cada momento mais, a sociedade em rede.

CONCLUSÃO

³⁰ CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.



O que é a Mídia Ninja? Ainda não sei responder claramente esta pergunta, mas a cada passo que dou na pesquisa, construo maior consciência do universo estudado. Através deste artigo, consigo desenhar a trajetória da influência da cultura hacker nos novos modelos de organização dos movimentos sociais em rede, passando pelo midialivismo ciberativista até chegar ao coletivo em questão. Concluo que as características da Ninja não são tão espontâneas quanto parecem ao primeiro olhar, mas fruto de um cenário propício para que esta se desenvolva, o mesmo afirmo para os recentes movimentos da Europa, Estados Unidos, Primavera Árabe ou América Latina.

Castells (2013) escreve no final de seu último livro, que “o legado dos movimentos sociais em rede terá sido afirmar a possibilidade de reaprender a conviver. Na verdadeira democracia”³¹. A transformação social é o desejo da atual sociedade em rede, completamente empoderada pela internet, como no caso da Mídia Ninja, que testa os limites da coletividade ao desconstruir com a autoria individual. Mais importante do que quem produziu, é produzir.

Não posso garantir que alcancei todos meus objetivos neste artigo, pois o decorrer de uma etnografia é uma constante surpresa para o pesquisador, mas acredito que consegui trazer as reflexões desejadas para ampliar os estudos em um campo tão recente e importante. A Mídia Ninja ainda é um fenômeno que engatinha junto com os movimentos sociais em rede ao redor do mundo, tenho a clareza que meu objeto de pesquisa é vivo e dotado de consciência, por isso tanto me ensina e me encanta.

REFERÊNCIAS

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15, São Paulo: Editora UNESP, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

³¹ CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.



_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FOOTE-WHYTE, William. **Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MALINI, Fábio. ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais.** Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARCUS, George E. **Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal.** *Alteridades*, Iztapalapa, nº 22, jul./dez.2011.

MORAES, Dênis de. **As vozes abertas da América Latina: estado, políticas públicas e democratização da comunicação.** Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2011.

O'REILLY, Tim. **O que é Web 2.0: padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software.** Disponível em: <<http://www.flaudizio.com.br/files/o-que-e-web-20.pdf>> Acesso em: 4 fevereiro 2015.

SAVAZONI, Rodrigo. **A onda rosa-choque: reflexões sobre redes, cultura e política contemporânea.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

VELHO, Gilberto. **O desafio da proximidade.** In: VELHO, G. KUSCHNIR, K. (Orgs.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.